

CRER PARA COMPREENDER

Judeus de toda nação

A lista de Atos 2, as comunidades judaicas espalhadas pelo Mediterrâneo e os dispersos que levaram a palavra aos gregos

D. G. DE SOUZA

HAC-S01-006

IV Os que foram espalhados

V Para reunir em um

Capítulo I

Na língua em que nascemos

Numa manhã de Pentecostes, em Jerusalém, sete semanas depois da Páscoa em que Jesus foi crucificado, uma multidão se ajuntou em volta de um grupo de galileus e ficou confusa. Os que estavam ali tinham nascido longe, além do Eufrates, nas costas do mar Negro, no Egito, em Roma, e cada um ouvia aqueles homens falarem na língua da sua terra. Lucas, o autor de Atos, conta a cena e, antes do espanto, diz quem eram aqueles ouvintes.

> **Atos 2:5**
>
> *Ἦσαν δὲ ἐν Ἰερουσαλὴμ κατοικοῦντες Ἰουδαῖοι, ἄνδρες εὐλαβεῖς ἀπὸ παντὸς ἔθνους τῶν ὑπὸ τὸν οὐρανόν·*
>
> "Havia, morando em Jerusalém, judeus, homens piedosos, de toda nação das que há debaixo do céu."

São três informações numa linha. A primeira está no verbo. *Katoikoûntes* é, em Atos, quase sempre o verbo de quem mora num lugar; para quem está só de passagem, Lucas tem outra palavra, *epidēmoûntes*, e a usa poucas linhas depois para os romanos (2:10).[1] Muitos daqueles ouvintes, portanto, não tinham vindo só para a festa: eram judeus nascidos fora que tinham voltado para viver

perto do Templo. Atos conhece em Jerusalém uma sinagoga inteira deles, "a sinagoga dos libertos, dos cireneus, dos alexandrinos e dos da Cilícia e da Ásia" (6:9), e o fascículo sobre a sinagoga de Nazaré leu a pedra de Teódoto, o sacerdote que construiu uma sinagoga em Jerusalém.[2] J. A. Bengel, comentador luterano do século XVIII, escreveu que eles "não tinham vindo apenas para Pentecostes"; que os tivesse trazido a espera do Messias é hipótese dos comentadores, e não do texto.[3]

A segunda informação está no adjetivo. *Eulabés*, "piedoso", é palavra que Lucas reserva para judeus fiéis: o velho Simeão, que "esperava a consolação de Israel" (Lucas 2:25), os homens que enterraram Estêvão (Atos 8:2) e Ananias de Damasco, "piedoso segundo a Lei" (22:12). Lucas apresenta a diáspora pelo seu melhor.

A terceira está na expressão "de toda nação". Ela diz de onde aqueles homens vinham, e não o que eram: eram judeus. Bengel resume: "nenhum dos presentes era dos gentios, mas todos eram judeus de várias nações"; Matthew Henry acrescenta que "a expressão é hiperbólica".[4] "Debaixo do céu" também tem história. Uma carta de Jerusalém aos judeus do Egito, posta na frente de 2 Macabeus, termina esperando que Deus "nos reúna de debaixo do céu no lugar santo" (2 Macabeus 2:18). Lucas não cita a carta, mas a expressão é a mesma, e a reunião que a carta pedia parecia, naquela manhã, ter começado.



Os doze apóstolos e Maria, de pé, sob um arco escuro, com uma língua de fogo sobre a cabeça de cada um e a pomba do Espírito descendo no alto. Evangeliário de Rábula, manuscrito siríaco copiado em 586, Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença (domínio público).

Evangeliário de Rábula, 586, fol. 14v, Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença, cod. Plut. I.56 (domínio público)

A LISTA

Lucas põe a lista na boca da própria multidão, que pergunta como cada um ouve aqueles galileus "na nossa própria língua, aquela em que nascemos" (2:8). E os ouvintes se apresentam.

Atos 2:9–11

Πάρθοι καὶ Μῆδοι καὶ Ἐλαμῖται, καὶ οἱ κατοικοῦντες τὴν Μεσοποταμίαν, Ἰουδαίαν τε καὶ Καππαδοκίαν, Πόντον καὶ τὴν Ἀσίαν, Φρυγίαν τε καὶ Παμφυλίαν, Αἴγυπτον καὶ τὰ μέρη τῆς Λιβύης τῆς κατὰ Κυρήνην, καὶ οἱ ἐπιδημοῦντες Ῥωμαῖοι, Ἰουδαῖοί τε καὶ προσήλυτοι, Κρῆτες καὶ Ἄραβες, ἀκούομεν λαλούντων αὐτῶν ταῖς ἡμετέραις γλώσσαις τὰ μεγαλεῖα τοῦ θεοῦ.

"Partos e medos e elamitas, e os que moram na Mesopotâmia, na Judeia e na Capadócia, no Ponto e na Ásia, na Frígia e na Panfília, no Egito e nas partes da Líbia junto a Cirene, e os romanos de passagem, judeus e prosélitos, cretenses e árabes: nós os ouvimos falar nas nossas línguas as grandezas de Deus."

A lista tem ordem: começa além do Eufrates, passa pela Judeia, sobe à Ásia Menor, desce ao Egito e a Cirene, salta para Roma e fecha com um par solto, cretenses e árabes. Crisóstomo já notava: "repara como correm do oriente ao ocidente".[5]

O nome estranho é a Judeia: por que judeus da Judeia se espantariam de ouvir a própria língua? Tertuliano e Agostinho leram "Armênia", Jerônimo "Síria", e os modernos propuseram outras trocas. Quase todos os manuscritos leem "Judeia", e a solução mais simples é ler o que está escrito: a festa reunia os de fora e os de casa.[6]

Os "romanos de passagem" são o único grupo que Lucas marca como visitante. E "judeus e prosélitos" pode valer só para os romanos ou para a lista inteira; a gramática não decide, e a maioria dos comentadores, Wesley e Henry entre eles,

lê como resumo de todos. Nenhum dos comentadores antigos conferidos põe gentios naquela plateia. A entrada dos gentios como gentios vem depois, em Atos 10 e 11, e espanta a própria igreja: "então também aos gentios Deus deu o arrependimento para a vida" (11:18).[7]

Prosélitos e tementes a Deus

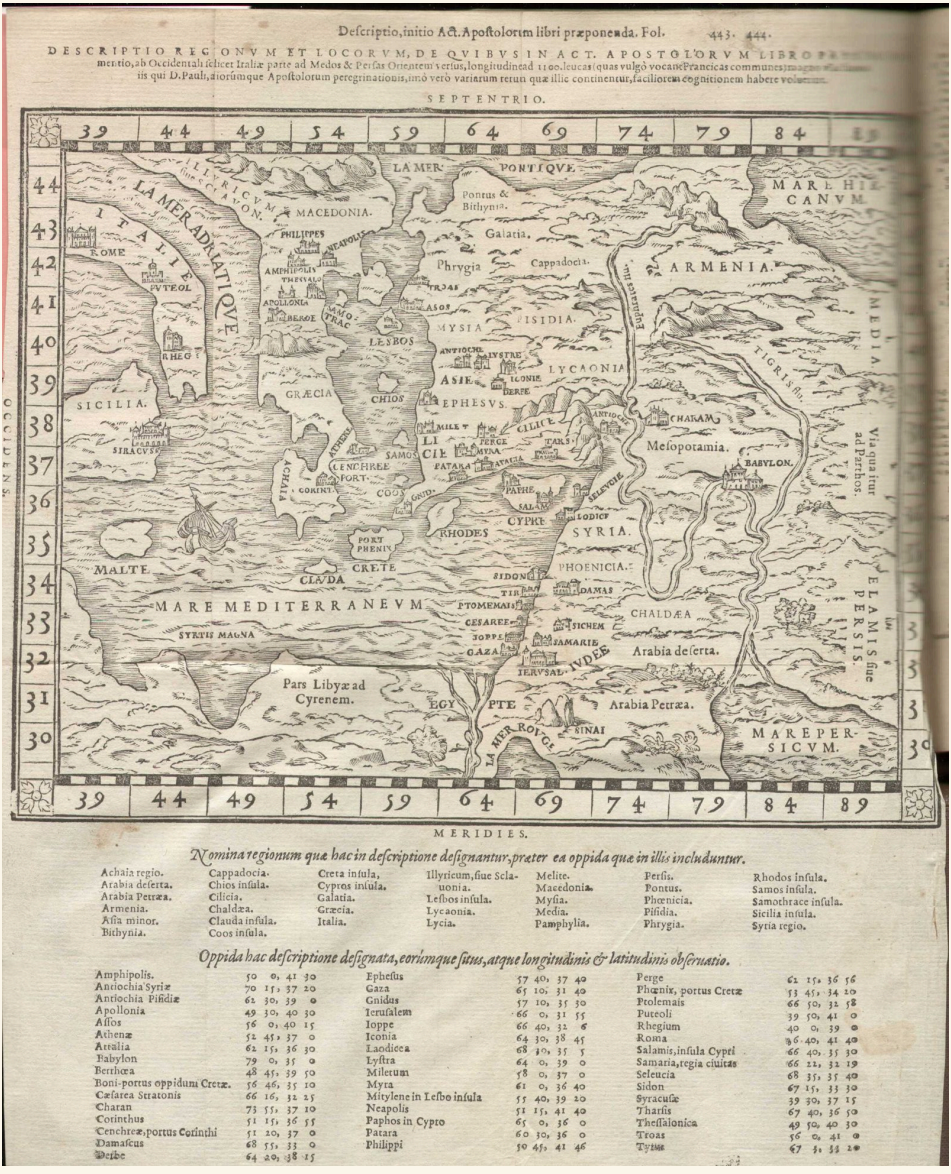
Prosélito (prosélytos, "o que chegou") é o gentio que se tornou judeu: no caso dos homens, com a circuncisão, e com a Lei inteira. Nicolau, um dos sete de Atos 6, é "prosélito de Antioquia" (6:5). Os "tementes a Deus" ou "piedosos" de Atos (10:2; 13:16, 26; 16:14; 17:4) são outra coisa: gentios que frequentavam a sinagoga, oravam ao Deus de Israel e davam esmolas, sem se circuncidar, como o centurião Cornélio.

Um mapa do zodíaco?

Em 1948, S. Weinstock propôs que a lista copiava a divisão dos países pelos doze signos do astrólogo Paulo de Alexandria. A comparação não se sustenta: esse astrólogo escreveu no século IV d.C., e, das dezesseis nações de Atos, só cinco coincidem com as dele.[8] Há dois paralelos mais próximos, e nenhum é fonte de Lucas. O primeiro está na Bíblia grega. Em Isaías 11:11, o Senhor resgatará o resto do seu povo "dos assírios, do Egito, da Babilônia, da Etiópia, dos elamitas, do nascente do sol e da Arábia", e no versículo seguinte "reunirá os dispersos de Judá dos quatro cantos da terra". O hebraico também tem Elão, mas, no lugar da Arábia, tem "as ilhas do mar". Os dois nomes mais estranhos da lista de Atos, elamitas e árabes, estão juntos na profecia grega da volta dos dispersos; Lucas não cita Isaías, e a coincidência fica como observação.[9]

O segundo é de um judeu do mesmo século. Flávio Josefo, sacerdote de Jerusalém que escreveu em Roma depois da guerra, conta que fez a primeira versão da *Guerra judaica* "na língua pátria" para "partos, babilônios, os mais

distantes dos árabes, os do nosso povo além do Eufrates e os adiabenos".[10] É quase o começo da lista de Atos.



Mapa das regiões citadas nos Atos dos Apóstolos, impresso numa Bíblia de Lyon em 1567: do sul da Itália à Síria, com a Ásia, a Capadócia e o Ponto, e, a leste, a Mesopotâmia, a Média, a "Elamis sive Persis" e a Arábia; embaixo, a "parte da Líbia junto a Cirene" e o Egito (domínio público).

Biblia sacra, Lyon, Jean Frellon, 1567, fol. 443-444, Coleção Eran Laor, Biblioteca Nacional de Israel (domínio público)

"Na língua em que nascemos"

Atos 2:6 e 2:8

γενομένης δὲ τῆς φωνῆς ταύτης συνῆλθε τὸ πλῆθος καὶ συνεχύθη, ὅτι ἤκουον εἷς ἕκαστος τῇ ἰδίᾳ διαλέκτῳ λαλούντων αὐτῶν· [...] καὶ πῶς ἡμεῖς ἀκούομεν ἕκαστος τῇ ἰδίᾳ διαλέκτῳ ἡμῶν ἐν ᾗ ἐγεννήθημεν;

"Quando se fez este som, a multidão se ajuntou e ficou confusa, porque cada um os ouvia falando na sua própria língua. [...] E como nós os ouvimos, cada um na nossa própria língua, aquela em que nascemos?"

Diálektos, em Atos, não é sotaque: é a língua de um povo, como quando Paulo fala à multidão "em língua hebraica" (21:40; 22:2). E "a língua em que nascemos" é o retrato da diáspora numa frase: judeus de fé, estrangeiros de língua. O espanto não é que finalmente se entendessem, porque o grego corria pelo Mediterrâneo e o aramaico pelo oriente; é que cada um ouviu a língua de casa. Se o milagre estava na boca dos que falavam ou no ouvido dos que ouviam, Lucas não resolve: diz as duas coisas (2:4, 6).[11]

A pergunta deste fascículo

Quem eram, então, esses judeus de toda nação, e como um povo espalhado pelo Mediterrâneo e pelo oriente abriu caminho para o Evangelho? A primeira metade da pergunta é de história: onde viviam, quantos eram, como se mantinham judeus longe do Templo. A segunda é de leitura: o caminho que Atos mostra, e o que a Escritura diz sobre a dispersão e a reunião.

---

1. Atos 2:5–11 no grego do SBL Greek New Testament (SBLGNT); as variantes do trecho (ἐν ou εἰς Ἰερουσαλήμ em 2:5; ἤκουον ou ἤκουσεν em 2:6) não mudam o sentido. Uma omissão de Ἰουδαῖοι em 2:5 no Códice Sinaítico, registrada por comentários modernos, não foi conferida. Para

κατοικέω em Atos: 1:19; 2:14; 4:16; 9:22, 32, 35; 13:27; 19:10, 17; 22:12; para ἐπιδημέω: 2:10; 17:21. Todas as traduções deste fascículo são do autor.

2. Fascículo *O culto cristão nasceu na sinagoga?* (HAC-S01-004).
3. J. A. Bengel, *Gnomon Novi Testamenti* (1742), sobre Atos 2:5, na tradução inglesa. João Crisóstomo, *Homilias sobre Atos* 4, na tradução inglesa do NPNF (New Advent; o grego não foi conferido), acha que morar ali "era sinal de piedade". John Gill, *Exposition* (1746–1748), sobre Atos 2:5, registra a espera messiânica como opinião de J. Lightfoot.
4. Bengel, *Gnomon*, sobre Atos 2:5; Matthew Henry, *Exposition*, sobre Atos 2:5.
5. Crisóstomo, *Homilias sobre Atos* 4.
6. Tertuliano, *Resposta aos judeus* 7; B. M. Metzger, "Ancient Astrological Geography and Acts 2:9–11" (1970), adendo sobre o texto. As leituras de Agostinho, Jerônimo e Crisóstomo vêm do levantamento de Metzger.
7. Wesley, *Notas sobre o Novo Testamento* (1755), e Henry, sobre Atos 2:10; Atos 10:28 e 11:18.
8. S. Weinstock, *Journal of Roman Studies* 38 (1948); J. A. Brinkman (1963), pelo registro de Metzger; Metzger (1970), conferido no texto.
9. Isaías 11:11–12 na Septuaginta de Rahlfs e no hebraico do texto de Leningrado (WLC). A tese de que a lista imita a tábua das nações de Gênesis 10 é moderna (J. M. Scott, 1994, não conferido); Henry já dividia a lista entre os descendentes de Sem e os de Jafé.
10. Josefo, *Guerra judaica* 1.3 e 1.6, no grego da edição de B. Niese.
11. Atos 21:40; 22:2; 26:14. Wesley e Gill põem o milagre na boca; Beda deixa as duas hipóteses abertas.

Capítulo II

Não é fácil achar um lugar

Em 54 a.C., o general romano Crasso saqueou o Templo de Jerusalém. Contando o saque, mais de um século depois, Josefo precisou explicar como um templo de província guardava tanta riqueza, e chamou uma testemunha que não era judia: o geógrafo grego Estrabão, que o fascículo sobre a dinastia que se destruiu por dentro já citou.[1] Dele, Josefo copia uma frase escrita sobre Cirene.

Josefo, *Antiguidades judaicas* 14.115, citando Estrabão

τέτταρες δ' ἦσαν ἐν τῇ πόλει τῶν Κυρηναίων, ἥ τε τῶν πολιτῶν καὶ ἡ τῶν γεωργῶν τρίτη δ' ἡ τῶν μετοίκων τετάρτη δ' ἡ τῶν Ἰουδαίων. αὕτη δ' εἰς πᾶσαν πόλιν ἤδη καὶ παρελήλυθεν καὶ τόπον οὐκ ἔστι ῥᾳδίως εὑρεῖν τῆς οἰκουμένης, ὃς οὐ παραδέδεκται τοῦτο τὸ φῦλον μηδ' ἐπικρατεῖται ὑπ' αὐτοῦ.

"Quatro [classes] havia na cidade dos cireneus: a dos cidadãos, a dos agricultores, a terceira a dos metecos, a quarta a dos judeus. Esta já chegou a toda cidade, e não é fácil achar lugar do mundo habitado que não tenha recebido esta raça e em que ela não se faça sentir."

Duas precisões. A frase diz "não é fácil", e não "não há". E o fim, que ao pé da letra é "e que não seja dominado por ela", tem o tom de quem acha os judeus influentes demais. É um grego falando de um povo que ele observa de fora, e convém não suavizar nem acentuar o que ele diz. A obra histórica de Estrabão se perdeu, e o trecho só sobrevive na cópia de Josefo.

Uma carta romana a reis e cidades

Bem antes de Estrabão, uma circular romana já desenhava o mapa. 1 Macabeus conta que, em 139 ou 138 a.C., uma embaixada judaica voltou de Roma com cartas de um cônsul chamado Lúcio. O livro, escrito por volta de 100 a.C. por um partidário da família dos Macabeus, faz parte da Bíblia católica e da ortodoxa, e as igrejas da Reforma o leem como fonte histórica, que é como ele entra aqui.

"Lúcio, cônsul dos romanos, ao rei Ptolomeu, saudação. [...] E o mesmo escreveu ao rei Demétrio, a Átalo, a Ariarates e a Ársaces, e a todas as terras: a Sampsames, aos espartanos, a Delos, a Mindos, a Sícion, à Cária, a Samos, à Panfília, à Lícia, a Halicarnasso, a Rodes, a Fasélis, a Cós, a Side, a Árados, a Gortina, a Cnido, a Chipre e a Cirene."

1 Macabeus 15:16 e 15:22–23

Se o texto foi copiado de um original, não se sabe com segurança, mas a lista dos destinatários é eloquente: um século e meio antes de Atos, já aparecem Ársaces, o rei dos partos; Ariarates, o rei da Capadócia; Átalo, o rei de Pérgamo, na Ásia; a Panfília; Gortina, em Creta; e Cirene. É circular diplomática, e não censo de comunidades, mas Roma escrevia a quase todos os lugares que Atos 2 vai nomear.[2]

Metrópole e pátria

Por volta de 40 d.C., quando Calígula quis pôr a sua estátua no Templo, o rei judeu Agripa I, neto de Herodes, escreveu-lhe uma carta que Fílon de Alexandria, filósofo judeu contemporâneo de Jesus, reproduz na *Embaixada a Gaio*. A frase costuma ser atribuída a Fílon; quem fala é Agripa.

"Ela [a cidade santa] é a minha pátria, e metrópole não de uma só terra, a Judeia, mas da maioria, por causa das colônias que enviou em diversas ocasiões [...]; às que ficam longe, Panfília, Cilícia, a maior parte da Ásia até a Bitínia e os recantos do Ponto; e do mesmo modo à Europa [...]."

Agripa I, carta a Calígula, em Fílon, *Embaixada a Gaio* 281

Agripa continua pela Grécia, com a Macedônia e Corinto, onde Paulo vai pregar, e pelas ilhas, "Eubeia, Chipre, Creta". "Colônias" é palavra de prestígio; muitas comunidades nasceram de exílio, guerra, escravidão e comércio.[3] O próprio Fílon, defendendo os judeus de Alexandria num processo político, diz o que significava viver assim.

"Uma só terra não contém os judeus, por causa do seu grande número. [...] Moram nas cidades da Europa e da Ásia, nas ilhas e nos continentes, tendo por metrópole a cidade santa, onde está o templo santo do Deus Altíssimo, mas tendo por pátria as cidades que receberam dos pais, avós, bisavós e antepassados, onde nasceram e foram criados."

Fílon, *Contra Flaco* 45–46

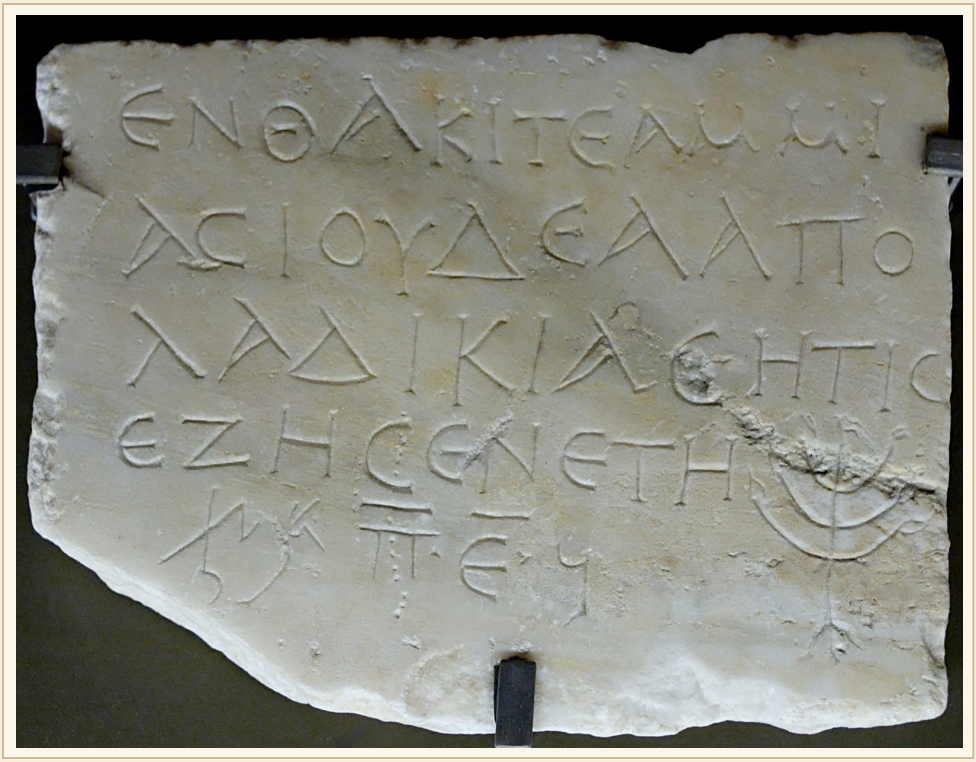
É a frase mais útil deste capítulo: duas pertenças ao mesmo tempo. Jerusalém era a mãe; Éfeso, Sardes, Cirene ou Roma eram a casa. E Josefo, no *Contra Ápion*, diz que não há cidade grega nem bárbara aonde não tenha chegado "o costume

do sétimo dia": é apologética, mas aponta o sinal mais visível da diáspora para um vizinho, o sábado.[4]

Região por região

Para quase todo nome de Atos 2 há uma fonte do próprio século. No oriente, Hircano II, levado prisioneiro pelos partos em 40 a.C., foi deixado na Babilônia, "onde havia muitos judeus", que o honravam como sumo sacerdote e rei. Dos elamitas não há nada do século I, só a memória bíblica de Susa "na província de Elão" (Daniel 8:2), e da Média, só uma "torre de Daniel" de valor histórico duvidoso.[5] Na Ásia Menor, a Mishná fala de quem "casou na Capadócia"; Áquila era "pôntico de nascimento" (Atos 18:2); e uma carta do rei Antíoco III, talvez autêntica, manda instalar na Lídia e na Frígia, por volta de 210 a.C., "dois mil lares de judeus da Mesopotâmia e da Babilônia", "guardas leais pela sua piedade para com Deus". As comunidades frígias que Paulo encontrou podem descender dessas famílias; é hipótese.[6]

No sul, Cirene está em Estrabão, em duas inscrições da cidade de Berenice e em três homens do Novo Testamento: Simão de Cirene, que carregou a cruz (Marcos 15:21), os cireneus da sinagoga de Jerusalém (Atos 6:9) e Lúcio de Cirene, em Antioquia (13:1). O Egito tem capítulo próprio neste livro. Creta aparece até na vida de Josefo, cuja segunda mulher era "moradora em Creta, judia de nascimento". E os árabes têm uma pedra: em Hegra, no reino nabateu, um túmulo foi feito por "Shubaytu, filho de 'Ali'u, o judeu", em 42 ou 43 d.C.[7] A lista de Atos não é fantasia. As exceções honestas são os elamitas e, em parte, os medos.



Placa de mármore com cinco linhas gravadas em grego e, à direita, um candelabro de sete braços: "Aqui jaz Âmias, judia de Laodiceia, que viveu [...] anos". Laodiceia, na Frígia, é uma das cidades do ouro apreendido por Flaco; a data e o lugar do achado não foram conferidos nesta pesquisa (domínio público).

Epitáfio de Amias, Musei Capitolini, Roma (MC 1092); foto de Marie-Lan Nguyen, 2006 (domínio público)

A palavra "diáspora"

A palavra que nomeia tudo isso nasceu como ameaça. Entre as maldições da aliança, a Bíblia grega diz: "e estarás em dispersão em todos os reinos da terra" (Deuteronômio 28:25). O hebraico, ali, diz "serás um horror"; a "dispersão", *diasporá*, é da tradução grega, mas a ideia está no hebraico de outros versículos, com o verbo "espalhar" (Deuteronômio 4:27; 28:64). Poucas páginas depois, a mesma palavra vira promessa.

O Senhor te reunirá de todas as nações para onde te dispersou. Se a tua dispersão estiver de uma ponta do céu à outra, de lá te reunirá o Senhor.

DEUTERONÔMIO 30:3-4 (SEPTUAGINTA)

O judaísmo do Segundo Templo leu a diáspora com as duas faces: juízo justo e lugar de onde Deus reuniria. Os *Salmos de Salomão*, os mesmos poemas que o fascículo sobre Pompeu leu, dizem que "em toda nação está a dispersão de Israel, segundo a palavra de Deus, para que sejas justificado" (9:2), e pedem: "reúne a dispersão de Israel com misericórdia" (8:28). E a carta de 2 Macabeus aos judeus do Egito, a que o fascículo sobre Hanukkah terminou lendo, conta a oração dos sacerdotes no altar, no tempo de Neemias, que pede: "reúne a nossa dispersão" (1:23-27).[8] Os próprios judeus de fora sabiam que viviam longe por causa da história do seu povo, e oravam pela volta.

E sabiam também viver onde estavam. Jeremias tinha escrito aos exilados da Babilônia: "buscai a paz da cidade para onde vos exilei, e orai por ela ao SENHOR, porque na paz dela tereis paz" (Jeremias 29:7). É a carta que funda a vida judaica fora da terra.

No Novo Testamento, o substantivo aparece três vezes. Em João, os adversários de Jesus zombam: "acaso vai para a diáspora entre os gregos, e ensinar os gregos?" (7:35). Tiago escreve "às doze tribos que estão na diáspora" (1:1), e Pedro, "aos forasteiros da diáspora do Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia" (1 Pedro 1:1), três nomes de Atos 2. A palavra que era castigo virou endereço de carta.[9]

Diáspora e galut

Diasporá, em grego, é "dispersão", de diaspeirō, "espalhar, semear". Em hebraico, o exílio se diz galut, da raiz do verbo de Jeremias 29:7, "para onde vos exilei". A primeira palavra olha para a semente espalhada; a segunda, para a casa perdida.

Quantos eram

Ninguém sabe. Os números antigos são de advogados, apologistas e poetas. Fílon diz que os judeus do Egito "não são menos de cem miríades", um milhão, num processo político; Josefo, que as tribos além do Eufrates são "miríades sem fim que não se podem contar". Os números locais são mais modestos e mais úteis: oito mil judeus de Roma apoiando uma embaixada, quatro mil mandados para a Sardenha.[10]

Os totais modernos nasceram de duas operações. Em 1902, Adolf von Harnack multiplicou o milhão de Fílon por proporções parecidas no resto do império e chegou a "quatro ou quatro milhões e meio". Depois, alguns historiadores aceitaram um dado mais alto, 6.944.000 judeus "no censo de Cláudio", vindo de Bar Hebraeus, cronista cristão de língua siríaca do século XIII, e chegaram a uns oito milhões.

Em números

6.844.000 *cidadãos romanos no recenseamento feito sob Cláudio, segundo a Crônica de Eusébio na versão latina de Jerônimo; os Anais de Melk copiam 6.944.000, também de cidadãos. Tácito dá, para o censo de 48 d.C., 5.984.072 cidadãos*

O número atribuído a Bar Hebraeus é, com toda a probabilidade, o total de cidadãos romanos lido como se fosse de judeus. É a avaliação corrente dos estudiosos, e há quem diga que não temos base para total nenhum.[11] O que se pode dizer com segurança é outra coisa: havia comunidades judaicas em quase todas as grandes cidades do Mediterrâneo oriental, em Roma, no Egito, na Cirenaica e na Mesopotâmia; numerosas o bastante para que reis, governadores e cidades legislassem sobre elas e autores romanos se irritassem com elas; e os judeus de fora eram, com toda a probabilidade, mais numerosos que os da Judeia.

---

1. Josefo, *Antiguidades* 14.105–118, no grego da edição de B. Niese; fascículo *Dos Macabeus a Pompeu* (HAC-S02-009).

2. 1 Macabeus 14:24 (a embaixada de Numênio); 15:10 (o ano 174 da era selêucida, 139/138 a.C.); 15:15–24, na Septuaginta de Rahlfs. Concílio de Trento, sessão IV; Trinta e Nove Artigos, artigo 6.

3. Fílon, *Embaixada a Gaio* 276 (a introdução da carta: "tomando uma tabuinha, escreve isto"), 281–283, no grego da edição de Cohn e Wendland. Em 283, Agripa fala de "não uma cidade, mas dez mil (μυρίαι)" na Europa, na Ásia e na Líbia.

4. Fílon, *Contra Flaco* 45–46; Josefo, *Contra Ápion* 2.282. Na *Guerra judaica* 2.398, num discurso posto na boca de Agripa II, Josefo diz que "não há, no mundo habitado, povo que não tenha uma parte nossa": retórica de quem argumenta o perigo de uma revolta, e não estatística.

5. Josefo, *Antiguidades* 11.133; 15.14–15; 10.264–265. Tobias, que se passa na Média, é narrativa.

6. 1 Macabeus 15:22; 1 Pedro 1:1; Mishná, *Ketubot* 13:11 (Sefaria); Josefo, *Antiguidades* 12.147–153.

7. Josefo, *Antiguidades* 14.115; 16.169–170; *Vida* 427; *Antiguidades* 17.327; Fílon, *Embaixada* 282; 1 Macabeus 15:23. A inscrição de Hegra (Mada'in Salih), na tradução publicada por J. F. Healey (1993, p. 95) e L. Nehmé (2015); a pedra não foi vista.

8. *Salmos de Salomão* 8:28 e 9:2, na Septuaginta de Rahlfs; fascículo *Pompeu no Santo dos Santos* (HAC-S01-001); Salmo 146:2 da Septuaginta (147:2 nas Bíblias em português); 2 Macabeus 1:27; fascículo *Jesus celebrou Hanukkah?* (HAC-S02-005).

9. João 7:35; Tiago 1:1; 1 Pedro 1:1. Se os leitores de 1 Pedro eram judeus, como pensava Calvino, ou gentios chamados "diáspora" por herança de Israel, como pensam muitos a partir de 1:18 e 4:3, é discutido.

10. Fílon, *Contra Flaco* 43 ("em Alexandria e na terra, da descida para a Líbia até as fronteiras da Etiópia") e *Embaixada* 214; Josefo, *Antiguidades* 11.133, 17.300 e 18.84. Na *Guerra judaica*

crer *para* compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S01-006

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *Judeus de toda nação*. O fascículo inteiro tem 60 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender

---

www.diegon.org/membros · youtube.com/@CrerParaCompreender